Nas áreas libertadas da Guiné-Bissau

SAÍMOS DE BISSAU ao fim de três ou quatro dias de espera, enquanto contactávamos elementos do PAIGC para que nos fosse concedida a indispensável autorização. A nossa intenção era visitar as áreas libertadas onde o domínio dos nacionalistas africanos se tinha tornado efectivo muito tempo. Antes de se admitir como irreversível o processo de descolonização agora em curso.

Do nosso enviado Victor Dimas

A única possibilidade que se nos apresentava era a de nos dirigirmos para sul, para a região vizinha da fronteira com a República da Guiné-Conakry, região aliás previligiada pela amizade que liga os dois povos. Como é de domínio público, uma grande parte do auxílio com que tem contado o PAIGC vem precisamente do lado de lado da fronteira convencional.

Um avião da Força Aérea levou-nos até Cufar, um bons 100 quilómetros a sul de Bissau. Daí até Cacine é um pequeno salto pelo ar, que no entanto representaria mais algumas dezenas de quilómetros por terra, necessários para vencer os incontáveis meandros da complicadíssima bacia hidrográfica do rio Cacine, semeada de ilhas, que domina toda a região.

Cacine é uma pequena povoação na margem do rio do mesmo nome, onde a bandeira do PAIGC ondula há cerca de uma semana. A povoação foi entregue pelas forças portuguesas aos representantes do estado da Guiné-Bissau, em cerimónia simples mas bem significativa. Na povoação tivemos a surpresa de encontrar uma das figuras mais importantes do novo país, a militante Carmen Pereira, que acumula os cargos de segundo vice-presidente da Assembleia Nacional Popular e de membro do Conselho de Estado do PAIGC. É ela a responsável por toda a actividade política da chamada Frente Sul e foi quem nos autorizou a visitar a zona libertada que está sob a sua alçada, permitindo que nos juntássemos a um destacamento de militares que seguiam em viatura para o interior da região.

Antes de prosseguirmos, tivemos oportunidade de observar a povoação de Cacine, um pequeno aglomerado de cabanas e precárias fortificações em cimento, à sombra da qual viviam dois ou três comerciantes e alguns indígenas ainda não aliciados pelo PAIGC. Um pouco mais à frente, a Tabanca Nova conglomerava uma centena de habitantes, formando o "aldeiamento" típico de que as forças coloniais se serviram para, rodeando-se de população autóctone, garantirem ao menos parcialmente a sua própria segurança. Há um pequeno cais de embarque, vários barcos com os motores avariados e edifícios velhos em muito mau estado, deixados pela tropa aquando da transmissão de poderes. As comunicações são extremamente difíceis e disso tivémos a prova quando aguardávamos transporte de regresso, como adiante referiremos.

O rio Cacine representa a fronteira actual entre a Guiné ainda portuguesa e as áreas libertadas. Na margem sul, a cinco minutos de vôo de Cufar (onde o exército português ainda aguarda ordem para retirar) começa a verdadeira república da Guiné-Bissau, na frente sul, uma vasta zona onde se percebe, de imediato, a influência do partido na mentalização das gentes. A etnia predominante é o Naló, de há muito politizada e vivendo há anos segundo os esquemas sócio-políticos do PAIGC. Uns poucos quilómetros mais para sul fica Cameconde, o último reduto das tropas portuguesas que não se aventuravam para além do arame farpado do aquartelamento. A estrada que vem de Cacine terminava ali, ou melhor, aquilo a que a falta de melhor designação chamaremos estrada, encontrava-se bloqueada daí para a frente, invadida pela floresta e completamente tapada pelos ramos superiores das árvores que a bordejavam. Só há poucos dias os nacionalistas reabriram esta via e passaram a utilizá-la frequentemente.

Tomámos, pois, assento num "Unimog" que sala da Cacine e se dirigia para Cassacá, a uma hora e tal de distância, carregado de homens e objectos diversos e comandado por um chefe militar do Partido, já que quase todos os passageiros eram militares e seguiam armados sobre a caixa aberta do veículo. Embora sabendo que se encontravam já outros elementos da Informação na nossa zona, éramos o único europeu que seguia na viatura, tremendamente sacudidos todos pelos incontáveis mas contínuos solavanços do "Unimog" e sempre fustigados pela chuva que não parava.

Alguns quilómetros andados, o carro deteve-se junto de um aglomerado populacional, a já referida Tabanca Nova. O chefe conseguiu uma tijela de arroz cozido, temperado abundantemente com malagueta forte e óleo de palma, aquela gordura amarela a que os brasileiros chamam azeite dendê. O arroz, cultivado ali mesmo na bolanha, era de tamanho invulgar e de aspecto aliciante, mas o sabor, à primeira colherada, deixou-nos a respiração suspensa. Comemos porque não havia outro remédio a fome apertava já e, além disso, a hospitalidade dos homens do PAIGC era acompanhada de um sorriso tão aberto e de tão grande franqueza que não poderíamos recusar. Uma malga, uma só colher que passava à volta do círculo sentado no chão, um púcaro de água e eis a nossa primeira refeição na zona libertada. Algumas centenas de rapazes, cheias de curiosidade, enquanto os adultos moradores na Tabanca observavam maliciosamente o nosso almoço.

Pouco depois, tudo de novo em ordem para prosseguir a marcha. O comandante da viatura tinha tomado à sua guarda o pequeno gravador portátil que transportávamos, para o preservar da chuva e dos trambolhões na cabina do carro. Um bocado mais adiante, já depois de Cameconde onde a bandeira do PAIGC flutuava penosamente, encharcada pelo aguaceiro constante, o mesmo comandante militar levou-nos a visitar uma base operacional, constituída por uns cabanas vastas e confortáveis, situada na espessura da floresta e completamente invisível do ar. Aí "requesitou" uma óptima capa de borracha para nos emprestar, sem se esquecer de lhe escrever no forro branco o nome do soldado que a cedeu.

O trilho semeado de imensas covas cheias de água, de longos pedaços acidentados e de lamacais onde o veículo tinha de parar para que o condutor enfrenasse a tracção às 4 rodas, alongava-se por sob a abóbada do arvoredo com ramos que nos obrigavam a encolher a agachar a todo o momento, aos gritos de aviso dos conhecedores. Havia uma ilama particularmente perigosa, oscilando sobre a estrada e ericada de espinhos, capaz de dilacerar a cara dos desprevenidos e de provocar rasgões consideráveis nas roupas duras dos fatos de combate. Mas prosseguimos sem incidentes de maior, até que atingimos a bifurcação para Cassacá, o nosso objectivo imediato. Daí em diante, percorremos o nosso caminho encharcado e dissimulado sob a floresta gotejante, uma estreita linha sinuosa que só os conhecedores podiam encontrar no labirinto sempre igual da folhagem.

Devemos acrescentar que, durante todo o trajecto, fomos o alvo constante das atenções dos homens do PAIGC, que se esforçavam por nos agradar com uma espontaneidade tocante e por nos evitar o menor incómodo, incluindo o transporte do gravador e da máquina fotográfica. Não o conseguiram de todo, dadas as condições de tempo e o piso da estrada. Verificaríamos depois que todos aqueles homens que ainda há poucos dias lutavam contra aquilo que a nossa cor de pele e a nossa nacionalidade representavam, eram agora companheiros de jornada que tudo repartiam connosco com a mesma naturalidade e franqueza que entre eles usavam pelo hábito de há anos consagrado.

A povoação de Cassacá reune duas centenas de habitantes, a medida actual das tabancas. Chegámos quase ao fim da tarde e começámos imediatamente a detectar um clima especial, as pessoas viam-nos passar por entre as casinhotas cobertas de capim seco e sorriam, saudavam-nos. Apertámos incontáveis mãos de adultos e crianças que vinham ao nosso encontro para saudar os seus camaradas e na mesma volta nos cumprimentavam sem qualquer tipo de retraimento. Contudo, muitas daquelas pessoas nunca tinham visto um branco, as crianças tinham já nascido nas áreas libertadas, sabiam talvez que o branco era quem pilotava os aviões que bombardeavam as povoações e as regavam "napalm" destruidor. Mas bastava o aval da companhia que levávamos, uma garantia de amizade sem ser propriamente escolta, para que todos nos falassem na sua língua e os garotos viessem olhar curiosamente a máquina fotográfica. Éramos nós que, de certo modo, nos sentíamos um pouco envergonhados.

"Davam-nos cerveja em vez de penicilina"

O comissário político, responsável pela vida civil da povoação, falava português e logo que percebeu quem éramos recebeu-nos efusivamente. Levou-nos imediatamente ao responsável militar por toda a zona sul, comandante Laisseque, um homem grande e perfeitamente educado, dominando o português com desenvoltura. Depois surgiram mais três camaradas da Informação, Jorge Feio, de "O Século", Fernando de Sousa e José Rebelo, do Emissor Regional da Guiné, que nos tinham precedido e se encontravam em Cassacá há 3 dias. Integrámo-nos pois no primeiro grupo de jornalistas portugueses que conseguiram acesso às zonas libertadas do Sul da Guiné.

Quase de seguida, realizou-se uma assembleia popular para apresentação dos jornalistas à povoação. Já antes tinham sido convocados os habitantes das tabancas vizinhas, disseminadas pela região, e foi uma multidão de centenas de pessoas a que se reuniu num largo enquadrado por habitações do tipo tradicional para ouvir a explicação da nossa presença. Muitas centenas mais não puderam comparecer, ocupadas pelas tarefas inadiáveis que o cultivo dos campos exigia.

Foi o comissário político quem iniciou a sessão, numa breve alocução em crioulo que foi seguida das traduções em balanta e português. Falou da mudança de circunstâncias que permitia a nossa presença ali e afirmou a necessidade de, daqui em diante, as relações entre todos os povos se regerem pela colaboração e amizade.

O comante militar da zona, Laisseque, dirigiu-se depois a toda a gente em termos que evocavam a importância do acontecimento, apontando-nos como os primeiros representantes da Informação portuguesa a entrarem naquele sector e salientando que o nosso trabalho se destinava a dar a conhecer ao mundo as condições de vida do povo nas áreas libertadas da Guiné.

"Os jornalistas são brancos e são nossos amigos, nada têm de comum com os colonialistas portugueses que mataram as nossas crianças e queimaram as nossas casas. Representam os povos progressistas de todo o mundo, e nós queremos dizer-lhe que podem vir, sempre que quiserem, de toda a parte do mundo, para os recebermos de braços abertos. Podem ver o que quiserem e depois interpretarem à vontade".

Laisseque assinalou depois com emoção o significado histórico do local onde nos encontravamos. Nesse mesmo lugar realizou-se em 4 de Janeiro de 1964 o primeiro Congresso do PAIGC, na tabanca que então e até há pouco tempo se encontrava completamente tapada pelo arvoredo. Ao pronunciar com reverência o nome já quase místico de Amilcar Cabral, uma ovação retemtou espontaneamente entre a assistência, como acontecera, de resto, em cada vez que o líder assassinado era evocado.

"Lançou daqui um apelo a todos os povos portugueses em nome do PAIGC para não deixarem que os fascistas retomem o seu país", prosseguiria ainda o comandante militar, **"para que nunca mais seja possível repetirem-se chacinas como aquelas que encharcaram de sangue a nossa terra. Mas se alguém ilda lá acontecer, podem estar certos de que saberemos receber os agressores na ponta das nossas armas. Não somos um povo amedrontado, não temos interesse pela camisa apertada e pela calça de boca de sino. O que queremos é trabalhar em paz pelo progresso da nossa terra, onde os colonialistas nada deixaram senão uma fábrica de cerveja em vez de uma de penicilina: em lugar dos medicamentos que são necessários para curar as doenças, os colonialistas portugueses estragavam-nos o organismo com bebidas nat."**

Mais adiante, frequentes vezes interrompido pelas salvas de palmas dos assistentes, o militar voltou a salientar as relações de amizade que doravante os povos da Guiné e de Portugal vão estabelecer: **"O povo da Guiné nunca hstou contra o povo português, temos afirmado sempre, hstou sim contra o governo fascista de quem o próprio povo de Portugal foi vítima durante tantos anos. Somos povos irmãos e nós precisamos de todos os técnicos portugueses que queiram ficar e trabalhar ao nosso lado. Mas há dois tipos de técnicos que não queremos cá: os pilotos de bombardeamento e os artilheiros."**

Compreendemos depois duas razões das vizinhas tabancas de Canifaque e Caual, onde desepenham as funções de presidentes do comité. Explicaram-se vivamente recordaram os tempos ainda não muito afastados em que os "Fiat" sobrevoavam as suas terras em "Raids" aéreos constantes destruindo tudo e matando-lhes os filhos, osmaridos e os pais.

No final do comício, um numeroso grupo de jovens estudantes cantou o hino do Partido e o hino dos pioneiros. São crianças das escolas que funcionam com regimes de internato e semi-internato, há muitos anos, nas áreas libertadas. O mesmo grupo de adolescentes representou depois, na festa que havia sido organizada em honra dos jornalistas, várias peças de teatro de inspiração revolucionária em que o tema foi, quase sempre, a luta entre os nacionalistas africanos e as tropas coloniais. Soubemos mais tarde que as peças de teatro são escritas e enviadas pela secção de assuntos culturais do PAIGC.

O "Batuque" que se seguiu incluia uma extensa variedade de temas folcclóricos nativos, principalmente balantas e nalus. Um grupo de músicos tocava o "balafon", espécie de xilofone, o "grindje", enorme tronco oco com ressonâncias diversas e os habituais tambores. As mulheres, esmeladamente vestidas e penteadas, cantavam canções cuja temática versava as coisas as coisas simples do vivver quotidiano nas aldeias ou a luta de libertação. A festa prolongou-se até tarde da noite e mais adiante não foi porque o dia seguinte era de trabalho árduo na "Bolanha".

O povo da Guiné está decididamente voltado para o trabalho nos campos e é na agricultura que reside a principal riqueza da terra. A base da alimentação é, em toda a região sul, a produções arroz, que se cultiva nos terrenos alagadiços na época das chuvas. Estas terras, chamadas bolanhas, são defendidas das águas salgadas dos rios por pequenos diques e barragens laboriosamente construídos à mão. É que todo o litoral da Guiné é extremamente recortado por extensas bacias hidrográficas, com uma meia dúzia de grandes rios e milhares de afluentes, grandes e pequenos, onde a água salgada das marés penetra até muito longe da costa. O rio Geba, por exemplo, que banha Bissau, é relativamente curto mas desagua por um estuário larguíssimo, com cerca de 25 quilómetros entre a ponta Ponta Prainha, a norte, e a Ponta Oeste, na Ilha de Bubaca. Mais para sul, o rio Grande de Buba, o rio Combidjã e o rio Cacine, com as suas bacias em estrela, recortam caprichosamente todo o terreno, deixando entre os seus braços e meandros sinuosos os terrenos, permanentemente alagados na época das chuvas (a que decorre agora) e onde o arroz é cultivado em quantidades enormes.

No centro-leste e no nórte, embora haja possibilidades de produzir arroz, a policultura está muito mais desenvolvida, com o cultivo de mancarra (amendoim), tomate, batata, sorgo, citrinos e outros. Evidentemente que toda a produção agrícola decalu em flecha, por causa da guerra e o Governo Português tinha de importar arroz, que fornecia depois às populações que controlava a preço inferior ao de custo.

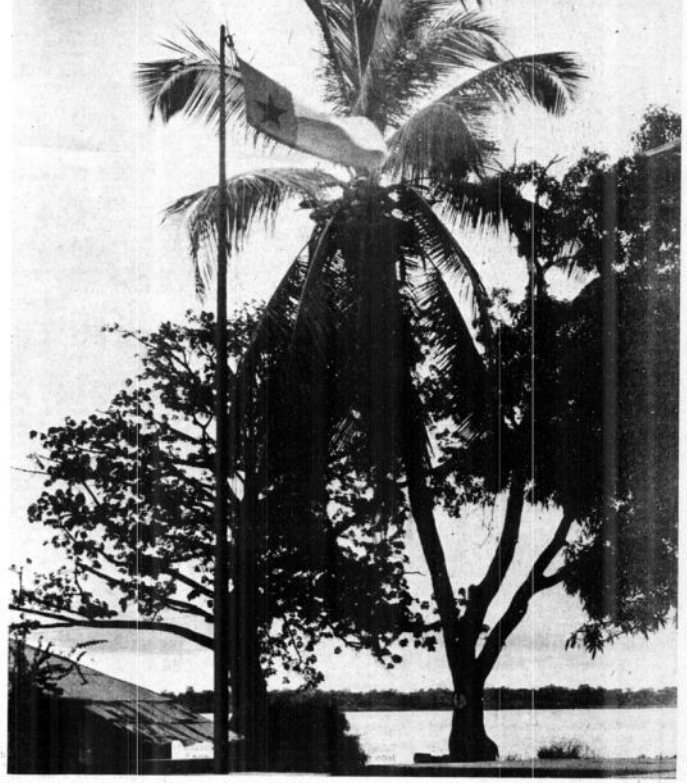
Mas toda a questão agrícola na Guiné está dependente da elaboração de uma carta de solos, que nunca foi feita. Falámos com um engenheiro-agrónomo em cujos conhecimentos colhemos informações preciosas. É um homem que mal atingiu os 30 anos, permaneceu 7 na Universidade da Amizade, em Mocovo, onde se formou em Agronomia, e os últimos 4 anos combateu de armas na mão na região de Catió e Cacine, até à fronteira sul.

Actualmente o PAIGC dispõe de uma dúzia de engenheiros-agrónomos e de várias dezenas de técnicos, a nível de regente e prático agrícola. Muitos outros estão em formação em vários países amigos, como de resto sucede em outros sectores fundamentais, como saúde, ensino e tecnologia.

As riquezas agrícolas da Guiné incluem o coconote, cola, madeiras tropicais valiosas, tais pau-ferro e pau-sangue, além de numerosas variedades de frutas. O aproveitamento da produção agrícola estará na base da futura criação de indústrias paralelas, como serração de madeiras, fábricas de descasque de arroz e conservas de frutos e vegetais. Tal aproveitamento nunca foi feito, dizem-nos, senão em escala muito diminuta, já que o colonialismo pretendeu manter a Guiné como reserva para futuros esquemas de exploração.

O PAIGC começou já a criar estâncias para criação de gados e a estabelecer as bases para uma estação agrária experimental. Como actividade complementar da agricultura, a pecuária apresenta imensas possibilidades, quer pela criação de gado indígena perfeitamente resistente às doenças, quer pela introdução de raças importadas. Tal é o caso do gado bovino e ovino. Essa criação se faz já em pequenas quantidades no centro-leste, e também a de galinhas e patos, mais desenvolvida no sul.

Por outro lado, o futuro estado de Guiné-Bissau propõe-se fazer planos para exploração intensiva das riquezas minerais que se sabe existirem, principalmente bauxite e petróleo (cuja descoberta recente nos foi confirmada).



Na povoação de Cacine, na margem do rio do mesmo nome, o pavilhão tricolor do PAIGC flutua já, depois da transmissão de poderes de há duas semanas. Em muitos outros locais da zona libertada está a erguer-se a mesma bandeira, a um ritmo crescente

Um comerciante que parte:

"Regresso por causa da família pois não tenho inimigos nesta terra"

ENQUANTO alguns residentes europeus consideram que a situação na Guiné dá margem para que a sua posição se consolide, permitindo-lhes ficar e colaborar na edificação de um novo país, outros entendem que a sua permanência não contribuirá em nada para o desenvolvimento do território.

Estão neste caso alguns dos comerciantes com quem contactámos, na esperança de auscultar os planos que alimentam em relação ao futuro. Passado o período inicial da mudança do regime em Lisboa, que se reflectiu em Bissau de forma não muito significativa, tudo retomou a normalidade a partir de 30 de Abril. Nos dias subsequentes, muitos dos colonos brancos radicados na capital da Guiné reservaram passagens nos aviões de carreira, longe mas bem pesava a consciência ou porque deixaram que uma certa precipitação influenciasse as suas decisões.

De qualquer forma, o número dos que parecem sediados de pedra e cal é assaz significativo e é ao grupo de comerciantes que nos referimos em termos de representatividade. Alguns dos que partiram "queimaram as pontes" atrás de si, com certeza que não teriam já reconsiderado de longe e estariam na disposição de regressar.

Para se fazer uma ideia nítida da posição do europeu na Guiné é preciso remontar ao tipo de colonização que deu origem a penetração de comerciantes que nos referimos em termos de representatividade. Alguns dos que partiram "queimaram as pontes" atrás de si, com certeza que não teriam já reconsiderado de longe e estariam na disposição de regressar.

Para se fazer uma ideia nítida da posição do europeu na Guiné é preciso remontar ao tipo de colonização que deu origem a penetração

com base nas transacções dirigidas aos elementos das forças armadas que detêm o maior poder de compra efectivo: desde os colares de missanga e "roncos" (enfeites) trabalhados, produzidos no Senegal, às máquinas fotográficas, motos e motorizadas que traduzem a penetração da sociedade de consumo, todos os artigos vendidos e comprados no comércio de Bissau são-no em função do mesmo tipo de cliente, que dentro em pouco abandonará definitivamente os balcões das lojas.

acreditar que a minha permanência seria encarada com muito bons olhos. Mas não posso ficar porque do branco nesta região. Ao contrário do que aconteceu em Angola e Moçambique, onde as condições de exploração da terra eram suficientemente atraentes para fixar colonos, que iam progredindo para o interior e estabelecendo "farmes" e roças além de entrepostos comerciais, na Guiné a fixação de colonos limitou-se (e ainda assim em números muito fracos) às regiões urbanas e quase exclusivamente no comércio. Daí uma certa sensação de insegurança que os comerciantes revelam, tratando-se de definir um futuro a quem faltam, por agora, as garantias do PAIGC em termos que pudessem considerar-se inequívocos.

Para encurtar razões, poderíamos considerar que o número de comerciantes radicados em Bissau é excessivo para as futuras necessidades da cidade. De facto, quando o PAIGC concretizar os planos de reduzir as populações urbanas enviando os excedentes populacionais para os trabalhos de campo, a quantidade de compradores e de clientes potenciais para o comércio local ver-se-á drasticamente diminuida. Não haverá, portanto, lugar para todos os que agora mantêm o seu negócio

alguns negociantes decidiram já retornar à mãe-pátria e recomeçar, muito fechado, vendendo e comprando quase só uns aos outros.

Há, contudo, os comerciantes que após 20, 30 ou mais anos de actividade na Guiné não encaram a possibilidade de recomeçar noutro local. Esses ficarão, com a certeza (forçada embora) de que o saldo no livro de contas poderá, apesar de tudo e com a ajuda de transferências de divisas feitas nos anos gordos, alimentá-los e à família.

Contou-nos depois as suas razões: a mulher encontra-se em tratamento em Lisboa, com os nervos arrasados depois da explosão da granada em 26 de Fevereiro, que destruiu a esplanada do café, matou um indígena, feriu 63 clientes quase todos brancos e atingiu com um estilhaço o ombro da senhora. A filha do casal, de 4 anos, escapou à custa de uma providencial doença infantil, que a reteve no quarto naquela noite. Nas outras, costumava circular até tarde por entre os frequentadores habituais da esplanada. A mãe entendeu o bambúrrio da sorte e nem quer ouvir falar em voltar à Guiné.

"Tenho a certeza de que não foi o PAIGC o autor do atentado", prossegue o nosso interlocutor, "que foi o segundo em poucos dias: a 22 de Fevereiro explodiu uma carga muito forte no Quartel General. Mais tarde, as brigadas revolucionárias da metrópole reivindicaram a autoria deste atentado, o que me leva a aceitar também como da sua autoria aquele que me deu cabo da esplanada."

É um homem loquaz, que fala de uma maneira surpreendentemente segura dos problemas actuais e futuros. Explicou-nos que, nestes 11 anos, tem lido muito e escuta todas as noites a emissão de rádio da BBC de Londres. "Até ouvi, uns dias antes do 25 de Abril, transmitirem a "Grândola, Vila Morena" duas vezes na mesma noite, em vez dos carrilhões do Big Ben..."

O proprietário do café e a esposa visitaram os feridos do atentado no hospital, com frequência e levando-lhes bebidas, jornais, conforto. Como que em réplica, o seu café estava já cheio e mais concorrido ainda dois ou três dias depois do incidente da granada.

"Isto prova que não tenho inimigos. Gosto muito da Guiné, conscientes de que, a ficarem, teriam de correr o risco de alimentar um círculo comercial

Tendo em conta tal realidade, pois não se vive tanto tempo num local sem ganhar raízes; acredito até que daqui a uns anos o progresso seja consideráveel, pois que, quando cheguei não havia luz senão algumas horas por dia, os cortes de água eram constantes, as ruas asfaltadas eram de algumas centenas de metros apenas, a única estrada alcatroada era a de Bissau a Mansoa. Pois hoje já há muito mais do que isso, e ninguém pode duvidar que o mérito pertença ao PAIGC, que fez ou prosseguiu maior progresso nesta terra do que os colonialistas em 500 anos... Mas haverá muitos problemas a ter em conta, quando as Forças Armadas se retirarem. Se Amilcar Cabral fosse vivo, então acredito que tudo se tornaria mais fácil, ninguém tenha ilusões de que o prestígio dos dirigentes actuais do PAIGC não se aproxima sequer do que tinha o líder assassinado. Não desejo mal à Guiné, antes pelo contrário, e sei que o PAIGC tem feito um excelente trabalho, inclusivé o de desenascarar e deter elementos reaccionários. Não admito, de forma nenhuma, a hipótese de a "Fling" conseguir perturbar o processo de descolonização, pois não lhe existe qualquer direito, nem material nem moral, de fazer reivindicações."

As motivações deste serão as de outros comerciantes que trabalharam e algumas coisas fizeram pela Guiné. Os mais novos entendem ter a idade a seu favor para recomeçar nova vida, levados também pela sua interpretação do futuro, que passa pela instabilidade política, pelo sentimentalismo, pela certeza de que regressada a tropa escasearão os clientes. Mas reconhece-se em todos os que se pronunciam a confiança nas possibilidades do PAIGC e, sobretudo, a capacidade de acreditar que agora estão abertos novos horizontes para a República da Guiné-Bissau.

está em causa o viver ou não com a família."

"Acredito no PAIGC e no futuro da Guiné"

Ouvimos, para documentar esta prosa, o que tinha a dizer-nos um dos comerciantes que vão embora. Está há 11 anos na Guiné, onde ficou depois de cumprida a comissão militar, em 1963. Comprou por trespasse uma pensão-café, que remodelou e onde investiu nos últimos meses cerca de mil contos. Vai vender o seu património por menos de metade do seu valor, segundo nos confidenciou.

É um homem novo, que constituiu família há relativamente pouco tempo e por via da qual considera imperioso refazer a sua vida noutro lado: "Entendo que o PAIGC traz ideias formidáveis, capazes de impulsionarem decisivamente o progresso do território. Mas... bom, acho também significativo que em 10 anos de independência dos novos estados africanos, se tenham registado uma trintena de golpes de estado. Tenho a certeza que a minha presença cá seria bem vista no futuro, pois tenho trabalhado duramente e nunca fiz uma transferência de dinheiro para a metrópole. Por outro lado, insinuações de amigos e conhecidos ligados ao PAIGC (não a nível oficial, bem entendido) levam-me a

PUBLICIDADE

A Campanha do Totobola foi atribuída à Agência de Publicidade Markimage

EM CONCURSO no qual participaram cerca de 12 das maiores empresas de publicidade portuguesa, a Santa Casa da Misericórdia escolheu para realizar a campanha de apoio à nova edição do Totobola a agência Markimage/Planigrama.

O estudo e a proposta da Markimage foram considerados como correspondendo totalmente aos objectivos do serviço de Apostas Mútuas Desportivas — não apenas estimular a participação de mais vastas camadas de apostadores mas também sublinhar a aplicação das receitas do Totobola em obras de assistência e fomento desportivo.

A Markimage, a agência escolhida neste concurso tão significativo, está a conquistar rapidamente uma posição no meio publicitário português, através do alargamento dos quadros, dos seus contactos internacionais e da conquista de contas importantes como é a campanha do Totobola.

ANDAR NO RESTELO

Magnífica vista, 5 assoalhadas, 2 c.b., marquise, varanda. Mostra porteira.

Av. Ilha da Madeira, 48-5.º Esq. — Trata: Telef. 823455

ANDAR DE LUXO

Boa localização, c/ 6 soa., 3 c. b., 3 var., climatizado, c/ arrec. e garag. Pr. 3000 contos c/ hipot. Montepio de 800. Ac. ofertas. Telefone 72 27 68.